

## MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE SOROCABA (VII).

(Continuação).

ALUISIO DE ALMEIDA

do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

### CAPITULO VII.

*Política e eleições. Administração. Matadouro. Mercado. Cemitérios. Teatros. Músicas. Voluntários do Paraguai. Algodão herbáceo. Sistema Métrico. Médicos e boticários. Convenção Republicana de Itú.*

\*

Depois da Revolução, a política esfriou um pouco, isto é, os vencidos obedeciam aos vitoriosos, muito quietos, com medo de serem complicados.

O secretário da Câmara, Elias Leme de Oliveira César, deu sumiço na ata de 17 de maio, rasgando-a, isto é, separando-a do livro, com o que salvou muitos dos que assinaram. Não houve juri em Sorocaba como em São Paulo e Ouro Preto, para os prisioneiros. Porque os civis se esconderam, e os militares, Tobias e Galvão (o primeiro reclamou, por ser de 2ª linha) não estavam sujeitos ao juri, que os absolveria. A Câmara revoltosa teve de abandonar os cargos aos suplentes conservadores que, por sua vez, derrubaram os empregados liberais. Serafim Antônio dos Santos, tio-avô do falecido interventor Fernando Costa, tornou-se o diretor das obras da ponte, iniciada com auxílio de Tobias e planta do sargento-mor João Bloem, substituindo a do empreiteiro Manuel da Costa Santos.

A anistia de 1844 acalmou um pouco os ódios.

A visita imperial de abril de 1846 reuniu os dois partidos nas homenagens, mas o conservador levara a palma em tudo: na hospedagem, feita por Manuel Claudiano de Oliveira (Madureira pela mãe),

no discurso do chefe José de Almeida Leme e no sermão de seu filho. Almeida Leme fez o carro alegórico com o anjo e emprestou a única sege da cidade. O Imperador foi a um chá no sobrado de Manuel Lopes de Oliveira, liberal, de onde assistiu fogos de artifício na atual praça Ferreira Braga. A Imperatriz ficou em São Paulo. Tobias homenageou os imperantes na Capital. Retraiu-se de Sorocaba, desgostozíssimo.

Sorocaba continuou até 1889 como que a Meca do liberalismo, que era vencido por pouco, quando os conservadores estavam no poder.

O ano de 1852 foi de agitações em tôda a Província, governada pelo futuro senador Nabuco, conservador. Os liberais estavam fortes, queriam retomar as responsabilidades do govêrno do Brasil. Sorocaba ganhou os dois primeiros jornais, depois de 1842, ou do efêmero *O Paulista*. E brigas leves.

As eleições foram violentas, mas não correu sangue. Os conservadores toleraram as arruaças de João Peão ou João Domador, sujeito do vale do Paraíba, valentão e assassino, que galopava pelas ruas fazendo mêdo aos outros e a quem, todavia, liquidaram depois da eleição. Uma escolta foi a Aparecida e, de acôrdo com a amásia do pobre homem, matou-o enquanto dormia. Foi enterrado fora dos muros do cemitério velho de São Bento, alturas da atual praça frei Barauna, onde a cruz de João Peão, alumiada por muitas velas de promessa, durou até cêrca de 1890.

Voltando às eleições, os conservadores não conseguiram que os liberais aceitassem a votar na matriz. Elias Aires do Amaral, que era um dos juizes de paz, levou-os à sua capela do Bom Jesus, novinha em fôlha, sita à rua das Flôres e formou mesa à parte, com ata, apuração e tudo mais, documentos que se conservam. A questão foi até o Rio de Janeiro, o ministério era conservador e foi juiz! Optou pela eleição da matriz e a Câmara e os juizes foram todos conservadores.

Em 1856 repetiu-se a história, em parte. Os conservadores deixaram os liberais entrarem na matriz e os dois grupos desarmados, ficaram em lados opostos, junto às paredes laterais, rosnando, em alta tensão.

Para compreender como é que permitiram a entrada aos inimigos, é bom lembrar que, por iniciativa do Marquês de Paraná, havia no poder o Ministério da Conciliação e os dois partidos deviam dar-se as mãos. Foi de fato, uma década de progresso. Mas no interior do país, os ódios continuavam. Os conservadores ficaram com o nome de vermelhos. Os "viveiros" eram casas onde permoitavam e comiam, os votantes, mas continuavam separados. Era bonito ver os Lopes

subirem com os liberais e os Loureiros com os conservadores até a matriz, com os cabos eleitorais vigiando para não se misturarem.

Foi a 2 de novembro de 1856, portanto, que houve as eleições, não para a Câmara Municipal, mas para Deputados gerais, agora por distritos. Eleição primária, em que os votantes elegiam os eleitores. Os conservadores não aceitaram quatro mesários liberais. Mais tarde, um dêles, Agostinho Antunes de Oliveira Dias, deu uma guarda-chuvada num liberal. Começou o barulho sem respeito às coisas sagradas. Armas eram as mãos e paus que acharam nos desvãos dos concistórios.

O juiz que presidia a mesa era o dr. Francisco Antônio de Almeida Melo, sorocabano, pai de Américo Brasiliense, então estudante e, com o auxílio do delegado, acalmou o povo. Na apuração imediata viu-se que os 20 eleitores que receberam entre 326 e 323 votos eram liberais, e os 20 suplentes, do qual o maior votado não alcançou mais de 50, eram conservadores. Derrotados. Sorocaba era o 5º distrito e elegeu Tobias, que ainda exerceu o mandato cinco meses, pois faleceu na barra da Guanabara, no vapor Ipiranga, a 7 de outubro de 1857. O marquês de Paraná, seu inimigo político, falecera em setembro do ano anterior.

Almeida Leme estava morto e o partido conservador era chefiado em Sorocaba por Bento Loureiro, seu sobrinho, com o lapeano João Batista Correia, grande comerciante vizinho dos Lopes, já falecido em 1856 e sucedido por Francisco Gonçalves de Oliveira Machado, seu genro sorocabano, que chegou até o ano de 1884. Os liberais eram os Lopes, dos quais Manuel faleceu em 1869 e Antônio chegou ao fim do Império; Monteiro de Carvalho, falecido depois de 1880, capitão Chico, cunhado de Tobias, morto em 1875, e os irmãos José e Francisco Ferreira Prestes.

Antônio José Ferreira Braga, fluminense, veio a advogar em Sorocaba e redigir o *Ipanema* em 1871, sendo republicano. Nomeado promotor em Brotas, voltou e aderiu ao partido liberal, sendo vereador com Olivério Pilar. Este, sabidamente republicano desde 1873, como chefe do partido local era vereador. Mais tarde foi aumentado o número de chefes republicanos com Antônio Joaquim Dias, sorocabano, comerciante à rua São Bento, e o cel. Benedito Pires, de Cutia.

Ferreira Braga tornou-se deputado provincial e geral, e exerceu por alguns meses, em 1889, a presidência do Pará.

As posturas municipais aumentaram aos poucos os impostos, por exemplo em 1852, os de tabuleiros. Era a quitanda feita em casa e que as sinhás mandavam as escravas e moleques venderem nas ruas. Alguns senhores arranjavam uma quitanda para o escravo tomar conta.

As quitadeiras vendiam principalmente doces e salgados, e a quitanda não era como hoje, somente verdura com alguns doces. Os tabuleiros davam lucro no tempo das feiras, junto aos circos, etc.. Em 1863 uma postura estabeleceu a rua da Cadeia, frente as Casinhas ou Mercado, para o estabelecimento das quitadeiras donde vem a denominação de rua da Quitanda, que, muito mais tarde, passou a ser na travessa Mailasky atual.

Pelas atas de 1852 vê-se que havia sessões mensalmente, mas passava algum mês sem as haver na Câmara.

\*

Em 1852 um vereador indicou à Câmara que se arrendasse “o quintal da rua Itararé que serviu de matadouro”. Tem de ser o Curral do Conselho, hoje escritório da São Paulo Eletric, embora a rua Itararé ainda não fôsse ligada com a inexistente rua Brigadeiro Tobias, de que tomou o nome, e talvez já dava a volta vindo a sair na Leite Penteadado (Beco do Inferno). Porém êsse quintal já não servia de matadouro, pois em 1834 foi emadeirada a nova casa do Açougue, no largo de Santo Antônio, e fechou-se o quintal junto, para servir de matadouro e mandou-se vir os utensílios. Em 1847 com as reclamações por ser muito central o matadouro, começaram a pilar os muros de um nôvo, onde hoje é o cemitério da Saudade; no dia seguinte, ação judiciária contra o empreiteiro das taipas e prevaleceu opinião anterior, fazendo-se o matadouro na rua da Margem, onde é hoje a estação Paula Souza.

\*

As Casinhas em 1846 tiveram nôvo regulamento. Os do município pagavam 50 réis por dia pelos gêneros podendo ficar seis dias. Os de fora podiam passar dez dias. O arrematante residiria na casa do canto (antigo Talho) para a limpeza. Arrôba de fumo do município era taxada em 120 réis e o porco em 20 réis por cabeça. Como se vê, porco não ia obrigatoriamente ao açougue, e antes nem era taxado. Em 1855 as Casinhas renderam 650\$000. Em 1863, com a mudança da Cadeia, esta foi aproveitada para mercado, junto as Casinhas, e acabou a pitoresca designação.

Pouco depois o mercado se mudou definitivamente para o largo de Santo Antônio, na casa do Açougue aumentada, todos tiveram licença de abrir açougue e o pequeno Mercado, entre 1881 e 1884,

se transformou num casarão de alvenaria que precedeu o atual. Foi construído sob a direção do vereador doutor Olivério Pilar.

\*

São Bento doou à paróquia, para cemitério, um terreno que foi fechado e benzido em 1824, e logo se encheu, pois era pouco mais que a atual praça Carlos de Campos.

Em 1834 a Câmara e o Vigário da Vara decidiram que esse cemitério ficasse servindo nos bairros, onde já os havia, por exemplo Aparecida e Piragibú. Marcaram o cemitério da freguezia de Campo Largo no Cerrado (o Cerrado de lá), a 100 braças da matriz.

Já havia, pois, o cemitério do Salto de Pirapora na capela das Dores, talvez desde 1799, sendo que em 1863 aparece um documento explícito nesse sentido.

O cemitério de São Bento encheu-se de nôvo. Em julho de 1855 a Câmara ficou com medo do cólera morbus, ainda bem! — e escolheu o alto do Piques para cemitério, aliás bem grande. Começaram as taipas — ainda não se construía em tijolos. O cólera não chegou, menos um caso duvidoso relatado pelo boticário meio-médico Peçanha e só em fins de 1862 ficou pronto, com uma pequena grade e portão de ferro na frente, forjada por Sewaibricker. Em janeiro de 1863 saiu o regulamento e foi nomeado administrador Francisco Martins da Costa Passos. O cemitério teve o seu primeiro enterramento em dia não sabido, entre fevereiro e abril. Em junho houve 20 sepultamentos. Enfim, separou-se com muro e portão, no ponto mais alto, o cemitério dos protestantes. Em 1867 João de Oliveira Costa Neves doou à capela a imagem de Nossa Senhora da Piedade, vinda do Pôrto.

A separação dos acatólicos fôra resolvida desde maio de 1870, tendo demorado a execução. Depois de 1889 derrubou-se o muro divisor. Em 1940 vi, encostada à taipa de fora, a lápide da sepultura da mãe de Júlio Ribeiro, protestante.

\*

O teatro Santa Clara foi fundado pelos conservadores em 1839, depois que os liberais construíram o dêles. Era situado à rua daquele nome, esquina da travessa que se chamou São Benedito porque a Irmandade deste Santo, depois que o teatro estava em ruínas, tentou transformá-lo em igreja, mas um raio caiu na pequena torre em 1873. O teatro Santa Clara era pequeno, mas tinha até camarotes, e nele foram levados à cena os dramas e comédias que se usavam em todo

o país, por companhias de fora, que para aqui vinham em tempo de feira. Há — ou deve haver no Gabinete de Leitura, uma coleção dessas peças com as datas em que foram levadas à cena. Lembro-me de uma comédia do nosso teatrólogo Martins Pena “O Diletante”, que tem por uma das personagens um tropeiro paulista no Rio.

O jornal conservador em 1852 anunciava “O Preboste de Paris”.

Mas o teatro São Rafael, êsse era grandioso, como ainda se pode ver na nossa Prefeitura Municipal, em que êle foi estúpidamente transformado na éra em que o cinema parecia vitorioso..

As paredes externas são as mesmas ou estão nos mesmos alicerces, quando a alvenaria substituiu a taipa. Tinha grande platêia, camarotes, frisas, “galinheiro”, bom palco. *Ridendo castigat mores* era o distico sôbre o palco.

A primeira reunião para a sua construção foi feita em 1835 na casa de dona Gertrudes Aires de Aguirre. Fundou-se a sociedade “Bela União Sorocabana”, por ações de 20 mil réis, a maioria, senão tôdas, subscritas pelas famílias Aguiar e Lopes de Oliveira. Nunca descobri quem fêz a planta e empreitou a construção. Os escravos pilaram as taipas. O quintal de dona Gertrudes subia pela rua da Ponte até a atual rua Brigadeiro Tobias, que não havia, limitando-se com o cel. João Floriano da Costa (casa de Arnaldo Cunha) e chegava até casas da rua das Flôres que já existiam, de seu genro, capitão Chico. Ela doou o terreno e assim a rua das Flôres ficou ligada à da Ponte pelo menos em 1844, ano da inauguração do teatro, festa ainda assistida por dona Gertrudes. O nome “São Rafael” é homenagem ao seu glorioso filho Rafael Tobias, o Reizinho de alcunha. Os antigos homenageavam os grandes homens vivos por tabela . . . Mesmo porque navios, fábricas, teatros etc. recebiam nomes de santos, costume hoje restrito quase só às farmácias e hospitais e fábricas. Em 1841 já funcionava. A data 1844 escrita em 1907 numa soleira de mármore não é senão a do acabamento completo.

Entretanto não se fêz logo a ligação além da Ponte com a rua Itararé. Era o beco ou travessa do Teatro, até que em 1886 a Câmara lhe deu o nome, muito mercidamente, de Brigadeiro Tobias. Foi o primeiro nome de pessoa dado a uma rua.

O teatro São Rafael parece que poucos anos depois já estava sob a adiministração da Câmara, mas sômente em 1907 os herdeiros fizeram a doação legal, sendo então reformado.

Êle recebeu até grandes companhias que vinham a São Paulo, principalmente a partir de 1875, inauguração da Sorocabana. Algumas óperas ou operetas.

O ano inteiro havia companhias dramáticas, musicista dando concerto, mágicos, ilusionistas famosos, os atores dos Quadros Vivos da Paixão e da Guerra do Paraguai, etc.

Era o coração da cidade. Até 1841 as festas da sagração de Pedro II ainda foram no largo da matriz com luminários, retratos, cenário, etc. Lá êle mesmo foi festejado no teatro São Rafael em 1844. Não quer dizer que houvesse atores na terra desde essa época, pois precisaram aproveitar uma *troupe* de fora, tão ordinária que um sujeito andava na corda bamba e outro arremedava vozes de animais.

Os dois teatros num lugar pequeno possibilitaram a formação de sociedades dramáticas, principalmente a partir de 1867. Até por 1890 o papel feminino era representado por moços bonitos. Entretanto, já em 1852 haviam chegado companhias com atrizes como a Minervina.

Francisco Luís de Abreu Medeiros pôde assim capacitar-se para escrever a sua comédia "A Feira de Sorocaba" representada em todo o centro e sul do país; Ubaldino do Amaral e Cândido Barata, depois de representarem com Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury e outros, imprimiram aqui mesmo o seu drama: "O soldado brasileiro". Antes de 1880 o dr. Vicente Eufrásio da Costa Abreu deixou inédito o seu drama "Mártires da Escravidão" que se representava no interior do Estado ainda neste século.

O teatro foi escola de boas maneiras (havia bailes) e de boas letras e melhor música. Por exemplo o organizador mais notável lá por 1870-1880 era o modesto artezão Antônio Joaquim Lisboa e Castro, músico e ator.

A República chegou também em Sorocaba pelo teatro "São Rafael". Estava presente uma companhia dramática que trazia como atrativo uma menina violinista Julieta Dionezzi, que era festejada principalmente onde houvesse uma colônia italiana e que, tornando-se adulta, perdeu todo o encanto de menina-prodígio, deixando o teatro e tornando-se amásia de um granfino da época, fora daqui. Estava para chegar, como chegou, Antônio José Ferreira Braga, do Pará, e a companhia, de malas para Botucatu, gostosamente ficou para o espetáculo em homenagem ao chefe liberal, no domingo 17 (êle chegou a 15 mesmo). Transformou-se a noitada em homenagem à República, com discurso de Vicente Eufrásio da Costa Abreu, filho de outro quase homônimo, liberal.

A iluminação era com velas e depois de 1863 lampiões de que-rozene.

A melhor fatiota para muitos era a de oficial da Guarda Nacional, muito pouco marcial e os miudos se queixavam do arrastar das espadas impedindo ouvir a representação.

\*

O Joaquim Músico ou Joaquim Pereira foi o último mestre-de-capela de Sorocaba lá por 1835-1840, como se vê em notícias esparsas, como a venda de seu órgão. Este ou outro passou a pertencer à capela do Bom Jesus da rua das Flôres em 1852. E' o último. Dai em diante, começa a éra dos *harmoniums*, invenção de 1811, dos quais vi dois antiqüíssimos na capela de Santa Cruz, do Asilo e na capela da Aparecida, e que deviam estar no Museu Sorocabano antes que se extraviassem sem a ninguém aproveitar.

Em 1841 havia uma banda de música em Sorocaba, a qual se recusou a tocar na festa dos conservadores em homenagem à sagração e coroação de Pedro II, aqui realizadas em setembro. Estava comprometida com as liberais, então no poder. Por isso aquêles chamaram um conjunto de Itú para o baile, que foi uma coisa assombrosa, com mestres-salas no saguão e no topo da escada, e os convidados, ao entrarem, sendo homens eram recebidos os com dois compassos de música, sendo mulheres, com quatro. . . A palavra banda de música ainda não era muito correntia, diziam “a música”, “a música instrumental”. Por ai se vê a origem de nossas bandas de música da “música do mestre-de-capela” instituição e expressão encontrada no século XVIII e antes, com o auxílio da “banda” ou “banda do regimento”, de origem militar anglo-saxônica. Os músicos da capela (instrumentos e canto) passaram à banda.

No teatro São Rafael ainda com o nome de Bela União Sorocabana, se toleravam sócios conservadores, pois após as luminárias e fogos na praça, como dissemos, já inaugurado um nôvo sistema, os conservadores passaram para lá, na falta do juiz liberal, o “Diretor do Teatro” deu os vivas, o sócio conservador Almeida Melo fêz o discurso, e o povo cantou com a banda ou *música instrumental* o hino nôvo da coroação.

A banda de música da fábrica do Ipanema, composta na sua maioria de escravos, era fardada e tinha muitos instrumentos, brilhando em 1846, na recepção ao Imperador.

Em 7 de setembro de 1857 foi fundada a banda “7 de setembro”, regida por Pedro Rodrigues de Melo até sua morte em 1899, mas com algumas interrupções.

Em 6 de novembro de 1866 frei Joviniano de Santa Delfina Baraúna, presidente (prior) e único monge em São Bento, fundou a



Filarmônica Sorocabana com o juiz municipal João da Costa Ferreira, pernambucano aqui casado com dona Eulália de Araújo, e o funcionário do fôro Antônio Gonzaga Seneca de Sá Fleury, recém-chegado de Goiás. O frade, baiano, era de família de músicos.

Em 1883 com o padre José Augusto Lessa, paulistano, cuja mãe era Almeida Lima, de Sorocaba, também família de músicos, estava reorganizada a Filarmônica.

Na primeira pedra da Sorocabana (1875) havia três bandas de música. Na inauguração reuniram-se nove, contando a dos Permanentes (Polícia de São Paulo).

No Ipanema, era mestre em 1874 Antônio Generoso Prestes.

Em 1869 chegou de Itú Manuel Álvares Lobo, empregado no fôro. Esse irmão de Elias Lobo residia num sobrado da rua das Flôres e aqui permaneceu até pouco depois de 1890, despedindo-se com uma missa fúnebre em lembrança de sua espôsa. Organizava conjuntos de orquestra e canto para bailes, concertos, teatro e igreja, inclusive com as suas alunas de piano. Compôs missas e outras peças. A pianista dona Manuelinha Dias de Arruda casada com Francisco de Souza Pereira foi sua aluna, era dona de um ouvido extraordinário. Mãe do falecido padre dr. Arnaldo de Souza Pereira que tinha um órgão em casa (em São Paulo) e o doou à Catedral em 1924 e lá ainda está. Antes desse órgão, era só harmonium, e em 1876 veio do Rio um chamado órgão, que não passava de harmonium enorme, com tubos para enfeite e em 1933 ainda prestava serviços, sob as mãos de dona Ovídia de Almeida Marins.

Em Santa Clara havia um belo cravo ou piano de cêrca de 1830, hoje no Museu da Cúria de São Paulo. O piano mais velho que conhecemos é um da casa do capitão Chico, hoje dos Prestes de Barros. Em 1848 José Joaquim da Costa e Silva anuncia-se como professor de piano à rua das Flôres. Era português do Pôrto. Voltou a Santos, casou-se com dona Guilhermina Clotilde da Cunha, também portuguesa e professôra de música e outras coisas, e ambos abriram o primeiro colégio feminino de Sorocaba em sua casa da rua das Flôres, com externato, internato e semi-internato, e a música era parte importante do programa.

De Paraíba vieram os mestres Salustiano Zeferino de Santana e Vicente Zeferino de Santana, exímios violinistas, pai e filho, talvez parentes de Carlos Gomes. O filho era compositor, principalmente de peças sacras pequenas, como *Tantum Ergo*. De 1866 é a primeira composição sua que se sabe. Contemporâneo, amigo e conterrâneo do mestre Vicente Procópio, tinha e executava uma semana santa inteira dêste, da qual há uma cópia em poder do comendador Luís de Almeida Marins. Música de igreja era verdadeiro consêrto, pois fre-

qüentemente se ouviam missas do padre José Maurício, das quais havia cópias em 1940 em casa do falecido maestro Fernando Luís Grohman, coisa do museu, talvez perdida:

De Parnaíba era também Nhô Lico, grande músico, que faleceu velho depois de 1930, barbeiro de profissão, afim da família Belloti. Ele se chamava Francisco de Paula Aquino. As moças (que conheci velhinhas) da família formavam o côro, que saía para fora da cidade, principalmente na Semana Santa. O primeiro Belloti que veio a Sorocaba foi também o primeiro jardineiro de profissão, com anúncio no jornal, em 1852. Antônio Belloti foi da primeira turma de ferroviários da Sorocabana, e seu filho, cônego José Pedro Belloti, falecido prematuramente como vigário de Tatuí, tinha também talento musical, cantando muito bem.

Para o fim do Império começa a aparecer Anibal da Costa Dias em conjuntos de amadores e nas igrejas, com o seu saudosso fagote.

Vicente Zeferino formou uma bandinha de escravos analfabetos do coronel Antônio Lopes de Oliveira, lá por 1880, com um clarim ou clarineta, uma requinta, dois pistões, um oficlíde, dois saxs, bombardão (baixo), bumbo com pratos juntos, e rufo.

Antônio Evaristo de Castro Ferreira, de Cutia, ensinava primeiras letras e música. Foi mestre de Fernando Luís Grohman.

\*

À guerra do Paraguai não faltou Sorocaba.

Em São Paulo organizou-se o "7º de Voluntários", ao qual se juntaram mais dois batalhões. Aquêles, mesmo depois de reorganizado e fundido com os outros e sob novo nome, ficou sempre na história de São Paulo, como o 7º, e sua bandeira, com furos de balas e desbotada pelos cinco anos de glória ao relento, foi entregue em 1870 à Catedral Paulistana, onde ainda se via em 1922.

Os paulistas sofreram. Primeiro partiram de São Paulo para Campinas com a Polícia, e iriam até a dantesca Retirada da Laguna com os outros, se uma ordem inesperada não os fizesse tornar do primeiro pouso, Perú. De Santos seguiram para o Rio, recebidos pelo Imperador. De lá é que partiram para a guerra, deixando mortos e doentes de bexigas em Desterro, Rio Grande (cidade), Montevideu e Buenos Aires, onde um incendio criminoso quase os levou pelos ares. Enfim, em Corrientes, no rio Paraná, onde se juntavam às forças da invasão. Alcançou-os outro batalhão de paulistas, mais feliz.

O 7º de Voluntários se apossou da ilha fluvial de Ataió, no Paraguai, a qual se deu o nome de Redenção, significando que o generoso povo brasileiro não odiava o povo paraguaio, apenas vingava uma ofensa de Lopes, que também tiranizava seu país. O déspota não tinha coração nem obedecia ao direito internacional. Mas os paraguaios o amavam e foram grandes soldados. Na madrugada escura

de 10 de abril de 1866, invadiram em canoas a ilha e os nossos paulistas, com outros corpos de exército e pequena artilharia, tiveram o seu batismo de fogo. Ai pereceram, como se lê no jornal *O Araçoiaba* em duas linhas, os sorocabanos João Cordeiro e João Grohmann. Do primeiro pouco se sabe. Mais tarde havia na rua Direita um mestre particular de beabá e pintor de santos de mastro, Estevão Cordeiro.

O segundo era irmão de dez ou onze, entre os quais Fernando Luís Grohman e dona Tereza Grohman, que viviam até há pouco.

Infelizmente, além dêsses mortos, só se sabe dos seguintes voluntários sorocabanos: Alferes Francisco de Paula Penteado, que voltou com beriberi e recebeu um cartório, capitão Firmino Tristão de Almeida, casado em São Roque em 1883, general (promovido depois da República) Bento Evaristo de Almeida Bicudo, Bento de Mascarenhas Jequitinhonha, que também teve um cartório onde é a Telefônica Brasileira, pai de Renato e avô de Artidoro Mascarenhas, Francisco Aires Bicudo (sargento), Elias de Oliveira Machado, Francisco José Ribeiro, José Rodrigues de Oliveira, Joaquim Antônio de Oliveira Rosa e Amaro Bueno de Almeida. A 11 de março de 1865 partiram para São Paulo os 40 primeiros voluntários.

O general (promovido depois da República) Antônio de Mascarenhas Camelo, sorocabano, foi vereador em sua terra, e lá por 1860 mudou-se para a sua estância no Rio Grande do Sul, donde partiu com um corpo de gauchos. Bento Bicudo era aluno do prof. Toledo, no Lageado, partiu com José Gomes Pinheiro Machado, que era de Itapetininga. O capelão do colégio, padre Francisco de Albuquerque, ofereceu-se ao Ministério da Guerra e não foi aceito.

Após o entusiasmo do voluntariado, viu-se que a guerra demorava e, então, muitos senhores mandaram um escravo voluntário que, assim dissem, se libertava. Por exemplo os Lopes, o dr. José Maria de Souza. Ou davam 200 mil réis a algum livre que desejasse ir em seu lugar. E, em novembro de 1866, começou o recrutamento à força pelos matos, por ordem do presidente Tavares Bastos. Diz a lenda que uma figueira da Aparecida escondia os fujões, mesmo que os recrutadores acampassem do outro lado da árvore. Foram mais de 20 os recrutados. Quando um jovem se via recrutado e não fugia, obedecendo à lei como fazem hoje os sorteados, apresentando-se ao delegado, não se pode dizer que era um. Havia muitos. Assim pois sem distinção, mesmo porque a coragem se mostra no campo de batalha, foram festejados, em 6 de maio de 1870, os que voltaram, talvez uns 20. Sangue sorocabano de brancos e pretos banhou aquêles charcos. Os voluntários que não foram a Mato Grosso por terra diretamente, lá chegaram pelo Paraguai, em operação de lim-

peza, em 1870, e estiveram perto de Serro Corá, tendo alguns ao que consta, visto a Lopes morto. Calculamos em cem o número de voluntários e recrutas sorocabanos.

\*

Com a guerra da Secessão dos Estados Unidos, as tecelagens da Inglaterra recorreram ao algodão do Brasil. Até então era cultivado o algodão arbóreo, que dava até três anos. As primeiras sementes de algodão herbáceo foram um selamin (quase quatro litros) que a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional enviou a Francisco Gonçalves de Oliveira Machado em 1863. A chácara dêle era onde hoje está a fábrica Santa Rosália. O pioneiro, em 1864 ou 1865, construiu uma roda de água no Lageado, a qual inda existia em 1940, no mesmo local do moinho de Baltasar Fernandes, e instalou suas máquina de beneficiar. Êle era engenheiro prático, com alguns estudos no antigo Gabinete Topográfico de São Paulo. Manuel Lopes de Oliveira já tinha o motor a vapor, na Chácara Amarela, e que viera da Inglaterra em 1852 para mover seus cinco teares mecânicos trabalhando com algodão arbóreo. Instalou nova máquina de beneficiar e plantou o herbáceo em tôda a chácara. Os avós contaram aos velhos que entrevistei, que onde é o Ginásio de Esportes estava tudo plantado de algodão.

Roberto Dias Batista derrubou sete alqueires de mato em Salto de Pirapora — coisa nunca vista — para plantar algodão. Não vem nos mapas, mas chamou-se o sítio dos 7 Alqueires. Sua máquina era na esquina da rua da Penha com a travessa da Quitanda (Mailasky). As casas vagas, eram alugadas para depósito do algodão. A semente apodrecia fora, e havia reclamações. Algumas dezenas de máquinas a vapor e a água na cidade e chácaras, e os braços ocupados na lavoura do ouro branco. Souza Mursa não os encontrava para o Ipanema. O ciclo do algodão em grande quantidade durou até perto de 1880 e poucos. Era vendido a 3 mil réis a arrôba. Chegando à Inglaterra, o algodão de Sorocaba, o melhor da Província, era apenas o algodão de Santos. Depois acabaram os matos, as terras cansaram e sempre havia pequenas lavouras que, junto com alguns fardos de fora, ainda sustentaram máquinas de benefício de Pereira Inácio no Cerrado, aí por 1916. Êle tentou arranjar gente para plantar o algodão em sua fazenda de São Francisco em 1917, junto da tecelagem.

\*

Os engenhos de cana, embora poucos, continuaram moendo. Vê-se pelos anúncios que não bastavam nem para a população pobre,

pois os armazens vendiam açúcar de Pernambuco (mascavo e redondo e alvo) e, desde 1888 de Pôrto Feliz. Os anúncios nos ensinam que havia negócios de alambiques e fazia-se pinga nos pequenos sítios, mas os três ou quatro grandes engenhos acabaram por 1880-1890.

\*

O café, cultura de pomar, passou a plantação para comércio cerca de 1820. A marcha de café parava em Sorocaba e Itapetininga em 1835. Mas aí estão incluídas as plantas do alferes João Luís, dos Campo Largo. Francisco Lopes de Oliveira, Lacerda e outros, lá por 1840 tinham cafezais no Salto de Pirapora. A serra de São Francisco parece que não se prestava para essa cultura. Em 1875 todos sabiam que a Sorocabana teria *deficit* por não servir, então, terras cafeeiras.

\*

Em 1840 chegou o dr. Borgoff, que depois se mudou para São Paulo e faleceu em Niterói.

Já morava aqui o cirurgião Antônio José Chaves.

Em 1852 o dr. Felix Ibarra, argentino, exilado por Rosas, festejou a queda do ditador.

Em 1852 foi-se embora para Campinas o dinamarquês dr. Teodoro Landgaard.

Em 1866 o dr. Virgílio Augusto de Araújo foi bem sucedido numa operação de parotida.

O dr. Manuel Lavrador, do Rio, aqui residiu com a família cerca de 1880. Mudou-se para Ponta Grossa e foi federalista em 1894.

O dr. Inácio Pereira da Rocha, de Caçapava, formado em Bruxelas, casou-se com uma filha do dr. Ferreira Braga e aqui residiu de cerca de 1884 a 1896.

O médico, doutor José Francisco Correia, paranaense, falecido em São Paulo em 1879, havia feito em Sorocaba seus estudos preparatórios.

O médico, doutor Léo Lopes de Oliveira, filho de Leônidas Lopes de Oliveira e dona Rosa Amélia de Barros, aqui nasceu e viveu até os 15 anos, quando se empregou no comércio em São Paulo. Dai se transferiu para o Rio de Janeiro. Com 24 anos de idade, colou grau de Faculdade de Medicina. Foi à Europa, veio estabelecer-se em São Paulo e morreu em 1913, muito moço.

O doutor Cândido Barata Ribeiro, médico em São Paulo, morreu e casou-se em Sorocaba.

O dr. Correia era filho de conservador; de liberal, o dr. Lopes de Oliveira e de republicano o dr. Barata Ribeiro.

Joaquim Rodrigues de Oliveira, de São Paulo veio para o Ipanema como boticário por conta do Governo pouco depois de 1811; casou-se com uma prima do Brigadeiro Tobias, fêz exames para cirurgião-mor da mesma Fábrica e, depois de 1821, mudou-se para Sorocaba à rua do Hospital. O primo rico emprestou-lhe dinheiro para comprar uma rica botica, que tinha até “uma máquina elétrica” armazéns, gavetas, balancinhas, centenas de boiões e vidros, embrulhos de batatas e raízes, etc., já meio desmantelada em 1851, quando do inventário. O cirurgião-mor ou médico receitava e vendia o remédio.

O dr. João Teodoro Landgaard, já com o título de médico, natural de Copenhague, tinha o emprêgo fixo no Ipanema, para onde ia a cavalo e morava em Sorocaba, desde 1845. Tinha junto a sua farmácia. Em janeiro de 1852 retirou-se para Campinas. Era conservador, por isso o liberal *O Defensor* o homenagea com uma versalhada, em que fala em sal de Glauber e em Califórnia (“bons cobres eu chuchei”). . .

Marcelino José Peçanha, fluminense, cirurgião ou boticário, já residia aqui em 1855. Não raro o médico dava o remédio e a cama ao doente pobre, servindo-lhe de enfermeiro. Piedoso samaritano, morreu em 1872.

Nesse ano o Ipanema publicou

“Pelo Ministro do Império foi o senhor José Joaquim de Carvalho Mascarenhas autorizado a continuar a ter aberta a sua farmácia nesta cidade”.

Era na rua São Bento. Ele faleceu em maio de 1897, de febre amarela.

Era o “Juca da Botica”. Em sua farmácia o dr. Inácio Pereira da Rocha expunha os resultados de suas felizes operações, e Júlio Ribeiro conversava “*de omni re scibili*” Frei Paulo Maria me contava que o bom homem às vêzes mandava algum cliente para certa curadeira, se o cliente não vinha com o “braço torto”, isto é, trazendo algum franguinho, ovos. . .

Joaquim Rodrigues da Fonseca Rosa, também Quim da Botica, não era sorocabano, mas paulistano, filho de Manuel Rodrigues da Fonseca Rosa e Joana Antônia da Rosa. Chegou a Sorocaba antes de 1862, quando se casou com Januária Eugênia, filha de Teotônio José de Araújo. Ensinou a arte a seu cunhado Firmino de Araújo, que curava crianças muito bem em Itapetininga mas, muito bondoso (eu o conheci) sempre ganhava pouco, acabando a vida com loja de fazendas, depois de 1932, velhinho.

Em 1874 gente de Botucatu e Avaré vinha consultar o boticário Antônio Carneiro da Silva Braga.

Já neste século é preciso lembrar Alfredo de Vasconcelos, Anibal e Isauro da Costa Dias, Anibal Ferreira Prestes, entre os farmacêuticos falecidos.

Como se sabe o nome Macadame vem do inventor de um novo tipo de calçamento de estradas inglesas, aproveitando o abaulamento inventado por Tomaz Telford (1757-1839). John Macadam (1756-1836) construiu estradas mais leves, mais bem drenadas do que as de Telford, cuja base era exageradamente pesada.

Em abril de 1870 a rua das Flôres estava macadamizada, menos o beco do Bom Jesus. Ficou em mais de dois contos desde a fábrica Rogich até a rua Direita, dois quarteirões. Era um serviço duradouro e caro, pois custava um conto por quarteirão.

Em 1874 Jesuino Pinto Bandeira dirigiu a macadanização da rua do Hospital (Álvaro Olavo Soares). Em 1915, para a colocação dos dormentes e trilhos do bonde, as picaretas lutaram! Macadame duro como pedra!

Enquanto macadanizavam uma rua, as pedras eram aproveitadas noutras, por exemplo além da ponte.

Em 1883 ficou pronto o macadame de toda a rua Boa Vista até abaixo da Santa Cruz Velha.

\*

A primeiro de janeiro de 1874 começou em todo o Império a vigorar o Sistema métrico de pesos e medidas.

Houve tempo para os negociantes se fornecerem de pesos e medidas, por exemplo na casa Euler, Waeny e Cia., do Rio de Janeiro, que tinha agentes no país, ou em Santos, para toda a Província, a firma Azevedo e Cia. Eram fornecedores de balanças e o mais para as Câmaras Municipais do Império.

Em dezembro anterior a Câmara de Sorocaba comprou o seu lote de pesos e medidas e nomeou aferidor deles o bondoso Chico Botão, Francisco de Paula Oliveira e Abreu, que ficou contentíssimo, pois era especialista no assunto.

Também em Sorocaba houve cenas cômicas, testemunha o *Ipanema*. Gente pedindo tantos metros de arroz, etc. Os professores ensinavam a “maneira mais fácil” de transformar os preços do sistema antigo no atual. Abriam aulas de “metrologia”, etc.

\*

Participaram da célebre Convenção, em nome de Sorocaba Antônio Joaquim Lisboa e Castro, João Lício Gomes e Silva e Joaquim Rodrigues da Silveira.

O primeiro era ituano, artezão, músico, ator dramático e hotelero. Seu hotel, foco de republicanos, era na rua do Hospital, esquina do Bom Jesus (Álvaro Soares e Dom Antônio de Alvarenga atualmente) no mesmo prédio onde esteve preso Feijó. Era cunhado de Antônio Moreira da Silva, tipógrafo, autodidata, republicano histórico, jurista, deputado federal e constituinte de 1891. Pessoa muito serviçal.

O segundo, pai de Péricles Pilar, genro de Olivério José do Pilar que chefiava o Clube Republicano local no mesmo ano de 1873. O terceiro era fazendeiro no bairro dos Morros, filho de homônimo assassinado por três escravos que, por isso foram enforcados em 1852 no alto do Piques (cemitério hoje).

Havia um outro Antônio Joaquim Lisboa, português, casado em 1867 com uma Maria Monteiro, viúva de um José Joaquim de Andrade, que não era o sogro de Mailasky.

O convencional de Itú foi pai de Vicente Lisboa, sapateiro, mestre no ofício, do menino Antônio Pereira Inácio em 1884, na mesma rua Álvaro Soares mais abaixo. O comendador Pereira Inácio (nobre coração) longe de renegar passado tão modesto e digno, guardava e mostrava a mesa de sapateiro e recolheu em seu palacete de Santa Helena o velho mestre.

(*Continua*).